

Economia Brasil Celso Furtado

20 JAN 1983

prevê o pior

GAZETA MERCANTIL

por Maria Helena Tachinardi
de São Paulo

"Quebradeira das empresas, explosões sociais, dificuldades no setor agrícola." Desta forma reagirá a economia brasileira em face da "grande recessão" que será provocada pela ida do Brasil ao Fundo Monetário International (FMI), prevê o economista Celso Furtado. O senador e sociólogo Fernando Henrique Cardoso expressa opinião semelhante: "Uma política de remendo, monetarista, não vai resolver. O cotidiano das pressões sociais e econômicas coloca obstáculos que tornam pouco exequível a carta de intenções ao FMI".

Cardoso e Furtado participaram, ontem pela manhã, do seminário "Crise econômica internacional e suas consequências para a América Latina", no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). O uruguai Enrique Iglesias, diretor geral da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão das Nações Unidas, falou sobre a necessidade de cooperação a nível regional e anunciou a convocação, para março, em Santiago do

Chile, de uma reunião com as autoridades de comércio exterior da Aladi, com o objetivo de definir posições capazes de conter as correntes protecionistas intra-regionais.

A um auditório de sociólogos, economistas e planejadores, Furtado afirmou que jamais pensou que o Brasil pudesse submeter-se à tutela do FMI. "A atuação do FMI me autoriza a afirmar que essa instituição não dispõe de competência necessária para orientar o Brasil na busca de uma saída para a grave crise que enfrenta atualmente."

Para o economista brasileiro, "os acordos que estão sendo assinados são de capitulação e comprometem o presente e o futuro do Brasil". Ele entende que, além de o mundo estar sofrendo as consequências de um desajuste estrutural global do sistema capitalista, os países enfrentam uma crise financeira internacional, uma crise do sistema bancário privado internacional. E, como os países endividados necessitam de dólar, é necessária a criação de um amplo mecanismo

(Continua na página 3)

Economia Brasil Celso Furtado

GAZETA MERCANTIL

prevê o pior

por Maria Helena Tachinardi
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

de facilidades de "swaps" vinculando os bancos centrais dos vários países à Reserva Federal dos Estados Unidos. Isto comprova, na opinião de Furtado, como a presente crise financeira tende a reforçar a posição das autoridades monetárias norte-americanas.

Na falta deste mecanismo, o que se está fazendo é a utilização "da reforma a queiro do sistema monetário internacional para ampliar as funções do FMI", hoje, um banco que capta recursos no sistema financeiro internacional e se atribui a função de tutela às políticas econômicas dos países endividados, submetendo a visão de longo prazo à de curto, enfatiza Furtado.

Ele acredita que, pelas insuficiências do aparelho institucional de coordenação e controle dos circuitos comerciais, monetários e financeiros, e pelas dissimetrias entre os três gran-

des blocos (EUA, Japão e CEE), toda tentativa de reativar a atividade econômica pelos meios tradicionais tende a agravar as tensões, abrindo caminho à inflação e à recessão. E prognostica: "A tendência é de prolongamento da atual política de 'stop and go', de retomadas intermitentes, o que se traduzirá em baixas taxas de crescimento por um período prolongado, com degradação dos termos do intercâmbio dos produtos primários, penúria no mercado financeiro internacional e neoprotecionismo ao nível dos grandes blocos, particularmente por iniciativa dos europeus".

Furtado está convencido de que a estrutura atual não comporta a compatibilização de uma taxa de crescimento capaz de absorver o desemprego, com o necessário equilíbrio. Uma reforma importante das atuais instituições internacionais com responsabilidade nas áreas de políticas monetária e fiscal poderia ajudar, mas não seria suficiente, a seu ver.